

CRIANÇA, LEITURA E ACESSIBILIDADE



Motivada pelos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em particular pelas Paralimpíadas e a realização da Semana Internacional Acessibilidade & Cultura, a Fundação resolveu dedicar a edição 10 do Notícias FNLIJ, tradicionalmente focada no dia da Criança, da Leitura (12/10), do Professor (15/10) e dia Nacional do Livro (26/10), ao tema da Acessibilidade, leitura e Literatura Infantil e Juvenil.

As Paralimpíadas empolgaram os cariocas e atraíram famílias que se emocionaram com a superação de atletas vindos de todo o mundo, mas após a festa ainda é necessário pôr em prática as leis de inclusão e acessibilidade na cidade.



PÁGINA 2

Semana Internacional
Acessibilidade &
Cultura

Setembro | Rio de Janeiro, RJ

PÁGINA 5

4ª Jornada Literária
do Vale Histórico

Setembro | Lorena, SP

PÁGINA 11

The White
Ravens 2016 – IJB
Munique, Alemanha

Semana Internacional Acessibilidade & Cultura

No mês de setembro, em que aconteceu no Rio de Janeiro as Paralimpíadas, a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, por meio da Superintendência de Leitura e Conhecimento, o Instituto Francês do Brasil e o Goethe-Institut – com o apoio do fundo de Cultura Franco-Alemão, apresentou a Semana Internacional de Acessibilidade e Cultura. O evento, que também teve o apoio de entidades da Suécia, Reino Unido, Estados Unidos, Coreia do Sul e União Europeia, aconteceu do dia 9 a 15 de setembro e reuniu artistas, gestores, políticos, pesquisadores e outros profissionais para refletir sobre Acessibilidade e Cultura.

A programação incluiu exposições, espetáculos, mesas de debate e oficinas, realizadas na Biblioteca-Parque Estadual, no Centro, na Biblioteca-Parque de Manguinhos e também na praia da Barra da Tijuca.

Na abertura, estiveram presentes embaixadores, ministros e artistas das nações da Suécia, da Coreia, da Alemanha, da França, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, e a Chefe-adjunta da Delegação da União Europeia no Brasil, além da Secretária de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, Eva Doris Rosenthal, que iniciou o encontro ratificando o compromisso da pasta com o tema da acessibilidade. *Por meio da Cultura promovemos a inclusão social, ponto de extrema importância quando falamos de acessibilidade. Estamos reunidos hoje com representantes de vários países que já são referência no tema para que possamos aprender com eles como trilhar este caminho*, ressaltou Eva. Gabriele Lösekrug-Möller, vice-ministra parlamentar do Ministério do Trabalho e Social da Alemanha, elogiou a Biblioteca-Parque Estadual por sua tecnologia de ponta e seu alcance ao público. *Quando utilizamos o termo inclusão em acessibilidade, nos*

Se entendemos que a literatura é uma importante lente para se enxergar mundos e que as bibliotecas, por definição, são espaços de acesso ao conhecimento, que sujeitos e quais saberes esperamos encontrar numa biblioteca? Vera Schroeder

referimos a algo que toda a sociedade possa participar, e aqui todas as pessoas têm acesso a um impressionante acervo de filmes, jornais, livros e revistas, com os equipamentos necessários para ajudá-los a embarcar nessa jornada pelo conhecimento e superar suas barreiras, disse a vice-ministra.

Após a fala de todos e dos inúmeros elogios feitos pelos convidados estrangeiros à Biblioteca-Parque, Eva Doris Rosenthal fez questão de registrar, de maneira corajosa, que as bibliotecas parque não representam a nossa realidade, que são exceções, lembrando que o caminho a percorrer no Brasil para uma rede de bibliotecas de qualidade ainda é muito longo.

Esse foi o terceiro evento internacional realizado na principal Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, renomeada Biblioteca-Parque Estadual desde sua reabertura, em 29 de março de 2014. A Semana Internacional de Acessibilidade e Cultura contou

com um público de cerca de 800 pessoas. Segundo a superintendente da Leitura e do Conhecimento da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, Vera Schroeder, o encontro possibilitou a troca de experiências pela presença de especialistas de diversos países, além de oficinas e programação cultural nas Bibliotecas, como filmes e espetáculos teatrais, o que demonstrou a pluralidade de ações simples e econômicas, embora muito ainda precise ser feito na área de acessibilidade. *E aqui cabe uma*

reflexão política inevitável: se entendemos que a literatura é uma importante lente para se enxergar mundos e que as bibliotecas, por definição, são espaços de acesso ao conhecimento, que sujeitos e quais saberes esperamos encontrar numa biblioteca? A discussão hoje deve levar em consideração não apenas aspectos arquitetônicos (obviamente importantes), mas acima de tudo aspectos atitudinais que possibilitem a quebra de barreiras, disse Vera.

fotos de Taia Rocha



Eva Doris Rosenthal e a tradutora de Libras

LIJ e acessibilidade

A Literatura Infantil e Juvenil fez parte do debate e teve o dia 13 dedicado ao tema. Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ esteve presente como uma das convidadas do evento, participando da mesa *A literatura infantil e as políticas públicas* ao lado de Gabriele

Precisamos continuar trocando experiências para juntos transformar nossos compromissos em ações Elizabeth Serra

Social. As mesas *LeseZeichen: escutando literatura infantil com os olhos*, com Gabriele Henrichs; *A literatura infantil e os desafios para a cadeia criativa*, com Andrea Taubman, Carina Alves, Flavia Lins e Silva, Janaina Leslão e Marília Pirillo e o lançamento do livro *O menino que escrevia com os pés* de Carina Alves também fizeram parte da programação do dia.

Em sua apresentação, Elizabeth destacou as ações do IBBY e da FNLIJ voltadas para as crianças com necessidades especiais (destacadas no Box abaixo) e do papel da leitura de literatura e da biblioteca na formação de todos para se tornarem cidadãos críticos, lembrando que a produção de livros para crianças com deficiência é inexpressiva.

Henrichs, pedagoga alemã e Maria Antônia Goulart, coordenadora-geral do Movimento Down e do Mais – Movimento de Ação e Inovação

Sobre esse quadro, a secretária geral da FNLIJ mantém esperanças na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), que no artigo 68 determina ao poder público adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis com o objetivo de garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura. Elizabeth informou que foi lançado, durante a Paralimpíada, a versão acessível do livro de Marina Colasanti *Breve história de um pequeno amor*, Prêmio Hors Concours da FNLIJ, em 2014, na categoria Criança e livro do ano de ficção do Prêmio Jabuti. *O livro de literatura para crianças e jovens deve fazer parte da vida de crianças com deficiência como direito, é o que defendemos. Precisamos continuar trocando experiências para juntos transformar nossos compromissos em ações*, encerrou Elizabeth.

Inclusão é tema do jornal O Globo

No mês das Paralimpíadas, a acessibilidade e a educação também entraram na pauta da mídia, como o jornal *O Globo* que publicou texto de Teresa Costa d'Amaral, superintendente do Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência, e entrevistou Maria Antônia Goulart, coordenadora-geral do Movimento Down e do Mais – Movimento de Ação e Inovação Social.

Em seu texto *Uma festa sem cidadania*, publicado na página

AÇÕES DO IBBY EM TORNO DO DIREITO À LEITURA PARA TODOS

Centro de Documentação de Livros para Crianças e Jovens com Deficiência – Oslo, Noruega

É importante lembrar a Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 1989, que estabelece em seus artigos o encorajamento da produção e difusão de livros para crianças, assim como o acesso à educação e à formação para assegurar uma integração social completa das crianças com necessidades especiais.

Empenhado em reunir livros e crianças, o IBBY - International Board on Books for Young People tem como missão oferecer a todas as crianças a oportunidade de ter acesso a livros de qualidade.

Em 1981, Ano Internacional do Deficiente, o IBBY apresentou na Feira de Bolonha uma exposição internacional de livros voltados para crianças especiais, que também discutissem o tema, em colaboração com o Norwegian Institute for Special Education Oslo (Instituto Norueguês para a Educação Especial) em Oslo, Noruega. Os livros foram solicitados às seções nacionais do IBBY de todo o mundo e um catálogo acompanhou a mostra: *Books and Disabled Children* (Livros e Crianças Deficientes). A UNESCO organizou um seminário para além da exposição, apresentado em Viena, Bratislava, Praga, México, Austrália, Finlândia, Suécia e outros países. Novas exposições aconteceram em parceria com o instituto e surgiu a ideia de um Centro de Documentação de Livros para Crianças e Jovens com Deficiência, aberto em Oslo em 1985,

que contava então com um acervo de livros em 42 idiomas, de mais de trinta países. Uma nova exposição foi lançada na Feira de Bolonha de 1991, com um catálogo que, além de conter os livros mais importantes em várias categorias, adequados para crianças com deficiência, apresentava avaliações de títulos de não ficção, endereços de editoras de literatura especial e informações gerais sobre os diferentes tipos de livros e como eles poderiam estimular crianças e jovens com diferentes tipos de deficiência. Traduzido para o espanhol, francês e uma série de outras línguas, o catálogo e a exposição viajaram para várias seções IBBY Nacionais.

O acervo de livros e documentos do Centro de Documentação de Livros para Crianças e Jovens com Deficiência foi transferido em 2013 para a Biblioteca Pública de Toronto, se mantendo como coleção do IBBY. Além de contar com livros em vários idiomas, eles também são apresentados em formatos especiais, como Blissymbolics (sistema de comunicação gráfico), Braille, Libras, livros táteis e têxteis. O acervo contém livros de ficção protagonizados por crianças e jovens com deficiência e livros para adultos com atraso no desenvolvimento, deficiência linguística e dificuldade de leitura. Saiba mais sobre o centro no endereço <http://www.ibby.org/1361.o.html>.

A revista *Bookbird*, publicação trimestral da entidade, lançou uma edição especial em 2001 dedicada ao tema: *Special Issue: Books for Children with Disabilities*, que está disponível no site <http://www.literature.at>.



Compreendo a possibilidade de os Jogos Paralímpicos ajudarem na construção de um novo imaginário social. Mas, se essa força de demonstração não vier acompanhada de acesso a direitos, quebra de preconceito e mudança de comportamento, ela não constrói nada

Teresa Costa d'Amaral

Opinião no dia 8 de setembro, Teresa Costa d'Amaral lembrou, de maneira contundente, o quanto o Rio de Janeiro tem que avançar para se tornar uma cidade com direitos básicos para todos. *Fui chefe da delegação brasileira em Atlanta, acredito no poder do esporte para uma reabilitação prazerosa e para o bem-estar físico. Compreendo a possibilidade de os Jogos Paralímpicos ajudarem na construção de um novo imaginário social. Mas, se essa força de demonstração não vier acompanhada de acesso a direitos, quebra de preconceito e mudança de comportamento, ela não constrói nada*, ressaltou ela.

Na entrevista de Maria Antônia Goulart, na edição de 11 de setembro, ela apontou as barreiras existentes nas escolas com relação à Lei Brasileira da Inclusão (LBI). *Mas há uma dificuldade muito grande no cumprimento da legislação e numa inovação que faça com que a educação inclusiva seja parte de um projeto da escola, e não como uma espécie de concessão ou um fardo que a escola tem que dar conta por causa da legislação. É preciso fazer um esforço muito grande para mostrar que a educação inclusiva faz com que a escola inteira melhore*, afirmou Maria Antônia.

Ações FNLIJ

No final dos anos 90, o Proler criou um programa em parceria com a Uerj para gravar livros premiados em fita cassete. A FNLIJ participou do projeto como colaboradora, fazendo a seleção de livros e o contato com os autores para liberação dos direitos para a gravação. As fitas foram colocadas à disposição nas edições do Salão FNLIJ da época.

Em 1998, a exposição *Livros de Qualidade para Crianças e Jovens com Deficiências*, organizada pela FNLIJ, teve apresentação

na Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro. A mostra veio do Centro de Documentação de Livros para Crianças e Jovens com Deficiência do IBBY, da universidade de Oslo, na Noruega, numa iniciativa da agente literária Ana Maria Santeiro com apoio da escritora Ruth Rocha.

Gerar o debate sobre a acessibilidade do livro e da leitura para todas as crianças e jovens é um compromisso da FNLIJ como seção brasileira do IBBY. A partir de 2012, o tema ganhou espaço nos Encontros Paralelos FNLIJ/Petrobras do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, reunindo representantes do Instituto Benjamin Constant, do Ines – Instituto Nacional de Educação de Surdos e do Movimento Down, do Rio de Janeiro e da Fundação Dorina Nowill, de São Paulo. Nos debates são discutidas formas e metodologias para tornar o livro acessível para que crianças e jovens portadores de necessidades especiais tenham na leitura de literatura mais uma forma de inclusão na sociedade.

O Salão FNLIJ também recebe todos os anos turmas e grupos de crianças e jovens portadores de deficiências, que visitam com grande entusiasmo as bibliotecas do evento e participam dos encontros com escritores e ilustradores.



Abertura do evento

4ª Jornada Literária do Vale Histórico

Crianças e Jovens em contato com a cultura ancestral

Em um belo evento, o Instituto Uka - Casa dos Saberes Ancestrais reuniu escritores representantes das culturas indígenas, especialistas e interessados em literatura, na 4ª Jornada Literária do Vale Histórico, de 21 a 24 de Setembro, em Lorena, São Paulo. O tema dessa edição foi *Literatura de Cordel e Tradição Oral: um encontro ancestral* e teve como público alunos de pedagogia e letras.

Visita às escolas

Segundo a organização do evento, a jornada é idealizada para levar os autores convidados de encontro com as crianças nas escolas, colocando-as em contato com a raiz do povo brasileiro, suas manifestações populares, histórias, contos e causos.

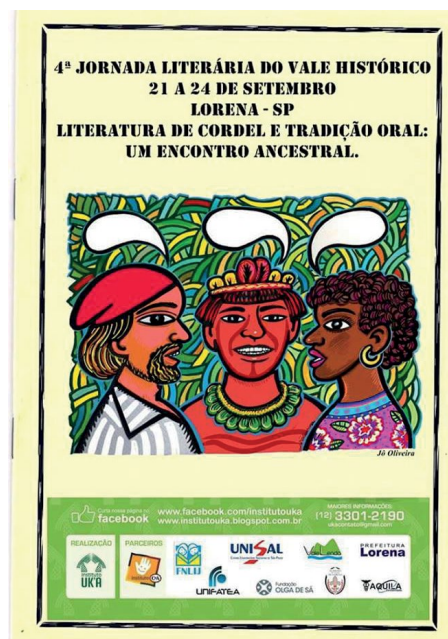
Nesta edição, 15 escolas situadas nas cidades de Lorena, Guaratinguetá e Aparecida, no Vale do Paraíba receberam a visita dos autores durante o dia que, levando seus livros, encantaram os pequenos leitores com leituras e bate-papos. As crianças rodeavam os escritores demonstrando grande interesse em conhecer as histórias das culturas indígenas e a literatura de cordel. Os três primeiros dias, na parte da manhã, foram dedicados às visitas nas escolas.

Programação

Na palestra *Literatura Infantil e Juvenil: o Estado da Arte* Elisabeth Serra apresentou a FNLIJ, suas ações, o Prêmio FNLIJ, concursos e cursos, além do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. A secretária geral também lembrou o início da parceria com Daniel Munduruku, quando o autor foi como convidado ao Salão FNLIJ após ter o livro *Meu avó Apolinário* premiado pela Unesco em 2003. No evento, Elizabeth perguntou como a FNLIJ poderia ajudar a promover a LIJ indígena e Daniel sugeriu a criação dos concursos FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas e FNLIJ Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas, para incentivar o surgimento de novos autores indígenas. Outra ideia que surgiu dessa conversa foi a de reunir os autores indígenas no Salão FNLIJ, resultando no Encontro de Escritores Indígenas, que este ano alcançou a 14ª edição no Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós.

Biblioteca Comunitária Bartolomeu Campos de Queirós

Em Lorena, Elizabeth conheceu a biblioteca comunitária criada por Daniel Munduruku. O escritor disponibilizou uma parte de seu terreno para conceber



Crianças na Biblioteca Comunitária Bartolomeu Campos de Queirós

Programação

Na parte da noite a programação foi voltada para o público em geral, que se inscreveu com antecedência para participar de palestras, mesas e redondas e de uma oficina de Cordel e Xilogravura que aconteceram na Unifatea – Centro Universitário Teresa D'Ávila e na Unisal – Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Os temas apresentados foram:

21/09 – Quarta-feira

Roda de conversas sobre Cordel e Oralidade com os autores convidados.

22/09 – Quinta-feira

Palestra Magna: Literatura Infantil e Juvenil: o Estado da Arte por Elisabeth Serra – secretária geral da FNLIJ

23/09 – Sexta-feira

Confraternização

24/09 – Sábado

Oficina de Cordel e Xilogravura com Regina Drozina, artista Plástica, figurinista e ilustradora
Feira de troca de livros com ações de incentivo à leitura
Recitais
Exposição da Literatura de Cordel e Xilogravura

Os autores convidados da quarta edição da Jornada Literária do Vale Histórico foram:

MARCO HAURÉLIO – Escritor, pesquisador da cultura popular e cordelista;
MOREIRA DE ACOPIARA – Cordelista, poeta e compositor;
RONÍ WASIRY GUARÁ – Escritor, professor, artista plástico e arte-educador;
TIAGO HAKIY – Poeta, escritor, contador de histórias, bibliotecário;
VALDECK DE GARANHUNS – Escritor, cordelista, mestre de teatro de mamulengo, músico, ator e artista plástico.



Roni Walsiry Guará com as crianças do Centro Educacional Infantil Estação do Saber

um ambiente cultural voltado para a literatura e a leitura.

Batizada com o nome do querido escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, que Daniel conheceu e se tornou amigo, o espaço conta com uma estante inteira dedicada à sua obra. A escritora Marina Colasanti também recebeu uma homenagem na biblioteca, tendo uma sala em seu nome. Marina participou da segunda edição da Jornada Literária do Vale Histórico em 2014, quando foi inaugurado o espaço.

A Biblioteca Comunitária Bartolomeu Campos de Queirós tem um belo acervo de LIJ, embora seja especializada nas Culturas Indígenas. A FNLIJ contribuiu com vários exemplares de livros para crianças e jovens e, nessa visita, Elizabeth Serra trouxe mais alguns títulos para o acervo. Com mais de 1000 títulos sobre a temática indígena, a biblioteca satisfaz uma necessidade da região por espaços voltados para pesquisa e de valorização de suas culturas e história tradicionais.

O AUTOR | DANIEL MUNDURUKU

O primeiro texto que tive coragem de mostrar para meu professor de português foi sobre a Páscoa. Ele gostou tanto que me mandou reproduzir cópias para todos os colegas da classe. Fiquei muito orgulhoso. Eu tinha 15 anos. Depois disso, não me lembro de ter escrito por um tempo nada mais significativo, mas foi a partir daí que peguei gosto pela leitura. Peguei gosto pela leitura e não pela literatura. São duas coisas diferentes. A literatura tem uma aura de ser escrita por gente muito sabida, muito instruída e eu tinha pouco acesso aos livros literários. O que eu mais lia era sobre a vida dos santos. É que a biblioteca que eu frequentava era de uma escola religiosa e lá havia muitos livros antigos que tratavam de temas religiosos. E o que eu mais gostava de ler lá era mesmo a biografia dos homens santos. Tudo o que havia sobre isso eu lia. Passei a saber mais sobre as coisas do céu que da terra. Essas eram as minhas leituras espontâneas. Eu também lia os livros didáticos, mas essas leituras eram obrigatórias – e, confesso, ler obrigatório é terrível.

Pertenço ao povo Munduruku, cujas aldeias se localizam ao longo da bacia do rio Tapajós.

Depois, morei na capital do Pará, Belém. Quando terminei o ensino fundamental, me mudei para Manaus, no Amazonas. Ali, cursei o ensino médio e iniciei o curso superior em Filosofia.

Após concluída essa etapa, descobri que meu diploma tinha que ser reconhecido pelo Ministério da Educação, uma vez que o curso que eu fizera não tinha esse reconhecimento. Isso me levou, depois de viver 23 anos no Norte do Brasil, a mudar para Lorena, uma pequena cidade no interior de São Paulo. Lá havia

o curso que eu precisava para reconhecer meu diploma. Ainda hoje moro nessa mesma cidade.

Por um curto período morei na capital. Foi quando consegui uma vaga para lecionar em uma boa escola particular na zona sul. Fiquei ali por cinco anos. Nessa ocasião, iniciei também o mestrado na universidade de São Paulo – USP. Queria fazer uma pesquisa sobre meu povo, os Munduruku. Foram anos de muito trabalho intelectual e aprendizado e... muita leitura. Eram leituras mais técnicas, mas eu as compensava com outros textos de cunho filosófico para poder preparar as aulas que ministrava. Quase me tornei mestre em Antropologia. Não consegui por uma série de questões. Foi um pouco frustrante.

No entanto, não me deixei abater. Com o conhecimento que havia adquirido e com as histórias que havia ouvido quando criança, passei a escrever textos que usava em minhas próprias aulas. Eu percebia que meus alunos gostavam das minhas histórias e isso me animou a continuar a produzir ainda mais. Com o tempo, fui aprimorando minha técnica de escrita.

Um dia, eu estava contando histórias para um grupo de crianças pequenas. Narrava uma que havia escutado do meu avô. Era uma história comovente. No final, uma menina levantou o dedo e me perguntou: “Tio índio, onde posso encontrar essas histórias para eu ler?”. Fiquei sem jeito, pois não sabia como responder. Mas isso foi como se um interruptor fosse ligado em minha cabeça: eu tinha que difundir aquelas histórias.

Eu quis, a partir daquele acontecimento, aprender mais coisas sobre meu povo e sobre os outros povos indígenas. Dediquei-me

Daniel Munduruku completa 20 anos de carreira

Em comemoração aos 20 anos de sua carreira literária, iniciada com a publicação do livro *Histórias de índio* pela Companhia das Letrinhas em 1996, Daniel Munduruku lançou este ano o título *Memórias de índio, uma quase autobiografia*, da Editora Edelbra. Na obra, o autor tem suas memórias contadas na forma de crônicas, organizadas em três partes: infância, juventude e vida adulta. Segundo Daniel, são lembranças com um toque de ficção. *Todas são quase verdadeiras. Outras são quase falsas. Algumas são inventadas para dar mais emoção*, diz o autor na apresentação do livro.

Escritor premiado, Daniel recebeu o Prêmio FNLIJ Criança em 2004 e 2005, além de vários selos Altamente Recomendável FNLIJ. O autor foi o entrevistado do Catálogo FNLIJ's Selection for Bologna para a Feira de Bolonha de 2004, que destacou a literatura indígena. O Prêmio Jabuti, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Tolerância (outorgado pela Unesco) estão entre as importantes lãureas recebidas pelo autor.

Nascido em Belém, no Pará, o escritor vive em Lorena, São Paulo, onde é o diretor presidente do Instituto Uka - Casa dos Saberes Ancestrais. Para saber mais sobre esse "indígena em movimento", como ele mesmo se define, vale a pena ler seu último livro.

A seguir, o Notícias FNLIJ reproduz o texto de apresentação de Daniel Munduruku, escrito por ele para o catálogo de sua obra:

a pesquisar e a escrever histórias que pudessem ajudar as crianças a conhecer meu mundo indígena. Claro que não foi imediato - nem fácil. As editoras não queriam publicar meus textos. Eu mandava para várias delas... e nada! Um dia, uma editora da Companhia das Letrinhas me chamou para uma conversa. Foi o início de minha carreira como autor de livros. Depois disso não parei mais. Hoje são mais de quarenta livros já publicados para toas as idades.

Eu gosto de escrever, mas confesso que sou preguiçoso. Aprendi na aldeia que não há nada de mais em ser preguiçoso... a preguiça nos dá oportunidade de olhar ao nosso redor e perceber coisas que as pessoas que andam muito de um lado para o outro fazendo um milhão de coisas não conseguem ver. De qualquer forma, eu gosto quando a escrita vai nascendo dentro de mim e tomando forma no papel. É um momento mágico, criador. O pensamento vira imagem, vira palavra, ganha forma.

Também já vi muitas crianças serem transformadas pela força da palavra escrita. É isso que me alimenta enquanto escritor. E que já em alimentava como professor. É isso que me humaniza cada vez mais. Faz com que eu renove minha profissão de fé no ser humano: é possível ser cada vez mais Humano. A literatura é um bom instrumento para isso. E professor-leitor - professora, tutor, pai ou mãe - é um bom canal para esse intento. É ele quem vai incutir o gosto pela leitura nas crianças. Não dá para ser de outro jeito. Educa-se pelo exemplo. Qualquer outro jeito de educar é imposição, é violência. Simples assim.



Daniel Munduruku



Oficina de xilogravura



Daniel Munduruku na EE Murillo do Amaral com os alunos do Ensino Médio



Daniel Munduruku e Elizabeth Serra na Biblioteca BCO



VII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil | UFSC - Florianópolis

Mais um evento voltado para o livro e a leitura resiste e se sobressai dirigindo seu foco para a LIJ: o VII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VII SLIJ): linguagens poéticas pelas frestas do contemporâneo - II Seminário Internacional de literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária (II Selipram), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Campus Florianópolis, entre os dias 26 e 28 de setembro.

Tendo como temática central a literatura infantil e juvenil que circula no mercado editorial brasileiro e internacional e as práticas de mediação da leitura literária com crianças e jovens, o evento foi organizado pelo Literalise – Grupo de pesquisa em literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária (CED/UFSC) em conjunto com o Núcleo de Pesquisas e Ensino em Língua Portuguesa e Alfabetização (Nepalp/CED/UFSC), Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, em parceria com o Programa de Educação Tutorial – Pedagogia (PET/UFSC), o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e pelo Grupo ProLinguagem da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Fizeram parte da comissão organizadora Eliane Debus (UFSC), Nelita Bortolotto (UFSC), Dilma Juliano (Unisul) e Jilvania Bazzo (Udesc).

O cuidado da organização, na produção do seminário e escolha da programação resultou em um evento com forte presença

do público, que anseia por mais encontros com a LIJ. O seminário contou com 1200 inscritos previamente e mais 290 inscrições nos dias do evento.

A programação apresentou nomes de importantes pesquisadores nacionais e internacionais como Marisa Lajolo (Universidade Plesbiteriana Mackenzie), as votantes da FNLIJ Regina Zilbermann (UFRGS) e Tânia Piacentini (Barca dos Livros), Edmir Perroti (USP), Sara Reis (Universidade do Minho, Portugal) e Yolanda Reyes (pesquisadora independente da Colômbia), além das escritoras Glória Kirinus, Nilma Lacerda e Anna Claudia Ramos, e dos ilustradores Graça Lima e Roger Mello.

O evento também integrou, desde a sua primeira edição, pesquisadores e profissionais de diversos ramos das Ciências Humanas (Letras, Pedagogia, Biblioteconomia, Psicologia, História, entre outros).

Na conferência de abertura, o tema abordado foi *La poética de la infancia y la formación del lector literario* pela escritora e pesquisadora Yolanda Reyes.

No dia 27, a mesa-redonda *Promoção da leitura: das políticas aos espaços de leitura* teve como convidados Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ, Volnei Canônica, diretor do Centro de Leitura Quindim, e Tânia Piacentini, da Barca dos Livros. A conversa teve coordenação de Edgar Kichorf.



Elizabeth Serra



Yolanda Reyes e Eliane Debus

O evento, que contou com 37 lançamentos de livros e sessões de autógrafos, bate-papo com escritores, exposição de 61 pôsteres, apresentações culturais e performances artísticas e recebeu também cerca de 218 trabalhos de mestrands, mestres, doutorandos e doutores apresentados nas Comunicações.

Dentre o público participante, que encheu corredores e auditórios da UFSC, compareceu o professor João Luís Ceccantini, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, votante da FNLIJ, e a bibliotecária Glória Valladares de Rondonia, ex-votante da Fundação, que levou um grupo de 10 pessoas ao seminário.

O sucesso do VII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil mais uma vez demonstra a força dos eventos voltados para a Literatura Infantil e Juvenil, que não só apresentam palestras e convidados de qualidade, como têm o poder de atrair um expressivo público interessado e participativo.

Visita à Barca dos Livros

A convite de Tânia Piacentini, um grupo de participantes do seminário, entre eles Elizabeth Serra, Roger Melo, Volnei Canônica e Yolanda Reyes, visitou a biblioteca comunitária Barca dos Livros em Florianópolis. Criada em 2006, quando recebeu verba por meio da Lei Rouanet para sua instalação, a Barca de Livro é mantida pela Sociedade Amantes da Leitura, mas esforça-se para custear as despesas do projeto. Tânia Piacentini, coordenadora, é votante da FNLIJ e os livros enviados pelas editoras que participam da Seleção Anual do Prêmio FNLIJ para serem analisados por ela são adicionados ao acervo da biblioteca. No mesmo ano de sua criação, a Barca ficou com o segundo lugar no 11º Concurso FNLIJ/Petrobras 2006 – Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens, ganhando uma premiação em dinheiro, além de um acervo de livros de LIJ.

Em 2014, a Barca dos Livros foi eleita a melhor biblioteca comunitária pelo Prêmio VivaLeitura, promovido pelos Ministérios da Cultura e da Educação e pela Organização dos Estados Ibero-Americanos e conta hoje com um acervo de 15 mil livros, dois terços dos quais de literatura infantil e juvenil. Atualmente o projeto tem somente dois patrocinadores: o Ecobioma, uma ONG de Porto Alegre que contribui mensalmente, e a companhia Engie Energia, que destinou um repasse para três meses. Mesmo contando com 90% do corpo efetivo de voluntários dedicados, que recebem e selecionam os livros, além de atenderem os pequenos leitores, a Barca encontra-se este ano em dificuldades para a manutenção do espaço. Para o pagamento do aluguel, das contas básicas e dos dois funcionários, foi lançada a campanha dos *Mil Amigos da Barca dos Livros*: arrecadando 20 reais por mês de mil pessoas, será possível cobrir essas despesas e manter a biblioteca, um projeto que atende crianças e adultos por meio de ações gratuitas ou com valores acessíveis.



Volnei Canônica



Tânia Piacentini



Visitantes com a equipe da Barca dos Livros



Roger Melo na Barca dos Livros



Visita de escolas na Barca

Conheça a Barca dos Livros no site barcadoslivros.org

Roger Mello indicado para o ALMA 2017



Os candidatos ao Astrid Lindgren Memorial Award–ALMA 2017 foram anunciados durante a Feira do Livro de Frankfurt e o ilustrador Roger Mello figura pela quarta vez na lista de indicados da premiação.

O vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen – IBBY concorreu ao ALMA em 2015 e 2016, sendo que na edição de 2010, Roger foi indicado pela FNLIJ ao lado do escritor Bartolomeu Campos de Queirós. A escritora Lygia Bojunga recebeu o prêmio em 2004.

As indicações para o ALMA são realizadas por instituições e organizações de todo o mundo, convidadas pelo júri da premiação. Como pré-requisito, os organismos de nomeação têm que ter conhecimento de autores, ilustradores e atividades de promoção de leitura em seus países ou áreas de língua. O júri e os laureados anteriores também podem nomear. Não é possível candidatar-se ao prêmio. O júri é formado por 12 membros, entre especialistas, escritores, ilustradores, bibliotecários e críticos, indicados pelo Swedish Arts Council (Conselho de Artes Sueco).

Para esta edição estão concorrendo 226 candidatos de 60 países, entre escritores, ilustradores e organizações que promovem a leitura.

Dentre os candidatos estão o CEDILIJ–Centro de Difusión e Investigación de Literatura Infantil y Juvenil e a escritora Maria Teresa Andruetto, vencedora do Prêmio HCA de 2012, ambos da Argentina.

O prêmio, que poderá ter mais de um vencedor, é no valor de cinco milhões de coroas suecas, cerca de R\$ 1,8 milhão e o resultado será anunciado na Feira de Bolonha no dia 4 de abril, transmitido ao vivo da Biblioteca Nacional em Estocolmo.

Leia para uma criança – campanha do Banco Itaú



Lançada novamente este ano, a campanha *Leia para uma criança* do Banco Itaú está disponibilizando gratuitamente 3,6 milhões de livros da Coleção Itaú Criança, composta por dois títulos selecionados pelo banco. Desde 2010, a campanha já distribuiu mais de 45 milhões de livros infantis.

No especial publicitário do jornal O Globo de 19 de outubro, a campanha apresentou a matéria *Ler para uma criança estimula seu desenvolvimento*, tratando dos benefícios da leitura para o desenvolvimento da criança a partir dos primeiros anos.

Foi com satisfação que a FNLIJ constatou que a campanha contou com a contribuição

do professor e especialista em leitura Luiz Percival Leme Britto, professor de pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Pará e leitor votante da FNLIJ. Percival destacou a importância de que a seleção de títulos apresente novidades e desafios. *O livro infantil não precisa ter linguagem primária. As crianças podem e devem ouvir palavras e frases 'difíceis', sem restrição de idade. Um mesmo livro pode ser lido para o bebê de menos de um ano e para a criança de três ou de cinco anos. Quanto mais ele oferecer novas palavras e ritmos, mais importante será na primeira infância. Em qualquer idade, a criança incorpora a*

variedade e a linguagem diversificada a que for exposta, explica Percival. Ele também lembra que o momento da leitura cria laços entre o adulto e as crianças, tendo o livro como mediador.

Márcia Leite, editora da Pulo do Gato e educadora, concorda: *Ler para uma criança é oferecer mais do que uma história. É um momento único de convivência, intimidade e partilha*, pontua.

Para receber os livros, basta se cadastrar no site www.itaub.com.br. As obras são entregues no endereço indicado, sem nenhum custo.

Os títulos da coleção deste ano são *Poeminhas da Terra*, de Márcia Leite (Editora Pulo do Gato) e *Selou e Maia*, de Lara Meana (Editora SM).

A continuidade da campanha, em sua sexta edição promovendo a leitura para crianças em comerciais de TV, revistas, jornais e redes sociais, demonstra que empresas e instituições, independente da área de atuação, são atores importantes para divulgação livros Literatura Infantil e Juvenil. A FNLIJ espera que esse exemplo se multiplique.

The White Ravens 2016

A Internationale Jugendbibliothek (IJB), maior biblioteca de literatura infantil e juvenil do mundo, localizada em Munique, na Alemanha, apresentou na Feira do Livro de Frankfurt a edição de 2016 do catálogo The White Ravens.

A lista dos livros, com os 200 títulos em 30 idiomas, já havia sido divulgada no site da biblioteca. O catálogo é referência mundial para profissionais de literatura infantil em bibliotecas, escolas e editoras.

Os títulos brasileiros presentes no catálogo são: *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letrinhas - Prêmio FNLIJ 2016 Criança Hors-Concours; *Lá e Aqui*, de Carolina Moreyra e Odilon Moraes, Pequena Zahar - Prêmio FNLIJ 2016 Criança; *Iluminuras. Uma incrível viagem ao passado*, de Rosana Rios e Thais Linhares, Lê - Prêmio FNLIJ 2016 Jovem e *Chapeuzinho vermelho*, adaptação de Rosinha, Callis - Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2016.

Para este ano, a IJB anunciou uma novidade: a partir de agora está disponibilizado em seu site o novo banco de dados White Ravens, onde os títulos desta edição podem ser pesquisados por autor, país, língua e editora. *Estamos felizes porque acreditamos que a base de dados é uma ferramenta útil para todos aqueles que trabalham e estão interessados na LIJ internacional. As edições anteriores serão incluídas posteriormente*, informou Jochen Weber, chefe das Seções de Línguas, em e-mail enviado para FNLIJ.



Conheça o catálogo no site: whiteravens.ijb.de/list

Prêmio SM Iberoamericano de Literatura Infantil vai para a argentina Maria Cristina Ramos

Indicada pela seção do IBBY - International Board on Books for Young People, a Alija - Asociación de Literatura infantil y Juvenil de la Argentina, a escritora argentina Maria Cristina Ramos foi a vencedora do XII Prêmio SM Iberoamericano de Literatura Infantil.

A decisão do júri foi unânime e levou em conta a qualidade literária de sua obra, a contribuição para a literatura de um olhar autêntico e sensível da realidade latino-americana, além de o cuidado ao construir seus textos e seu profundo respeito pelo leitor, seus personagens e a realidade que recria.

A escritora vai receber um prêmio no valor de 30 mil dólares e a cerimônia de entrega será na Feria Internacional del Libro de Guadalajara, que vai acontecer de 26 de novembro a 4 de dezembro no México.

Além de ter publicado mais de 40 títulos infantis, Maria Cristina Ramos possui 25 anos de experiência em oficinas de leitura e escrita com as crianças pequenas. Em 2014, a escritora esteve no 16º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, edição que teve a Argentina como país homenageado e participou do Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, apresentando a palestra *Configurações e Espaços do Poético: Sobre a Leitura da Poesia na Infância-Adolescência na Escola*. No Brasil, a autora tem publicado o livro *Eleazar e o rio*, da Editora Salesiana.

O Prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil foi criado em 2005 pela Fundação SM e visa distinguir a carreira criativa de autores para crianças e jovens na América Latina. Bartolomeu Campos de Queirós, em 2008, e Ana Maria Machado, em 2012, estão entre os vencedores da premiação, ao lado de Juan Farias (Espanha, 2005), Gloria Cecilia Díaz (Colômbia, 2006), Montserrat del Amo y Gili (Espanha, 2007), María Teresa Andruetto (Argentina, 2009) e Laura Devetach (Argentina, 2010), Agustín Fernández Paz (Espanha, 2011), Jordi Sierra i Fabra (Espanha, 2013), Ivar Da Coll (Colômbia, 2014) e Antonio Malpica (México, 2015).



Maria Cristina Ramos no 16º Salão FNLIJ do Livro

Prêmio Jabuti divulga os vencedores de 2016

A Câmara Brasileira do Livro – CBL anunciou os vencedores da 58ª edição do Prêmio Jabuti, que premia a cada ano três títulos em 27 categorias.

O júri é formado por especialistas em cada categoria e indicado pelo Conselho Curador do Prêmio, composto por Marisa Lajolo, Antonio Carlos de Moraes Sartini, Frederico Barbosa, Luís Carlos de Menezes e Pedro Almeida.

O prêmio foi entregue no dia 24 de novembro, em cerimônia no Auditório Ibirapuera, São Paulo. Para os primeiros colocados, além do troféu Jabuti, a premiação oferece R\$ 3,5 mil. Os segundos e terceiros lugares receberam o troféu.

Na cerimônia também foram apresentados os vencedores dos prêmios de Livro do Ano. *A Resistência*, de Julián Fuks, ganhou como melhor livro de ficção e na categoria Não Ficção empataram *Mário de Andrade: Eu sou Trezentos*, de Eduardo Jardim, e *Dicionário da História Social do Samba*, de Luiz Antonio Simas e Nei Lopes. Cada um recebeu um prêmio de R\$ 35 mil, além da estatueta dourada.

Conheça os vencedores de todas as categorias no site <http://premiojabuti.com.br>.

Os vencedores das categorias Infantil, Juvenil e Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil são:

Infantil

- 1º LUGAR: **Inês**, Roger Mello – Companhia das Letrinhas | vencedor do Prêmio FNLIJ Criança Hors-Concours 2016.
2º LUGAR: **Lá e Aqui**, Carolina Moreyra e Odilon Moraes – Editora Zahar | vencedor do Prêmio FNLIJ Criança 2016.
3º LUGAR: **A Divina Jogada**, José Santos – Editora Nós

Juvenil

- 1º LUGAR: **O Labatruz e Outras Desventuras**, Judith Nogueira – Quatro Cantos
2º LUGAR: **Cartas a Povos Distantes**, Fábio Monteiro – Paulinas
3º LUGAR: **Iluminuras**, Rosana Rios – Editora Lê | vencedor do Prêmio FNLIJ Jovem 2016.

Ilustração De Livro Infantil Ou Juvenil

- 1º LUGAR: **O Barco dos Sonhos**, Rogério Coelho – Editora Positivo
2º LUGAR: **Minha Vó sem Meu Vô**, Mariângela Haddad – Miguilim
3º LUGAR: **Flávia e o Bolo de Chocolate**, Bruna Assis Brasil – Rocco

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – **iBBY**

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafont Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghettis Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Daniele Cajueiro e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Falando sobre livros: uma oportunidade para o ensino de literatura escolar

Eu gostaria apenas de dizer que estar neste Salão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil é um encantamento. Eu sou de Minas gerais, trabalho em Minas e lá eu vivo.

Há muito tempo eu escrevo, por uma necessidade pessoal de escrever, mas escrevo também porque eu compreendo que a literatura é o único espaço que temos para conversar com a fantasia. Hoje eu fiquei a manhã inteira no Salão escutando os relatos do pessoal e vejo que, independente de muita coisa, nós temos andado muito.

A literatura tem conseguido um espaço melhor neste país. Se alguém me perguntar do que é feita a literatura, eu digo que a literatura é feita de fantasia. Ela só sobrevive porque busca na fantasia a sua sobrevivência. E a fantasia – eu tenho refletido bastante – é responsável pelo novo que acontece no mundo. Eu sempre digo que tudo o que nos envolve, todo o real, é uma fantasia que ganhou corpo. Há muitos anos eu me empenho em fazer literatura, percorrer os espaços da educação. É que sem a literatura, a educação vai se tornar apenas espaço da repetição, sem colocar absolutamente nada de novo no mundo. Quando venho ao Salão, vejo que a Fundação Nacional do Livro e o esforço da Beth Serra em realizar este evento, consegue concretizar ações. Vemos que a literatura, a leitura literária tem aumentado, o desejo de ler tem acontecido e tem sido verificável, mensurável nessa forma que o Salão se realiza. O leitor quando lê um texto literário conversa em silêncio com a sua fantasia. Todos nós sonhamos com um mundo diferente, com um caminho diferente para nossa vida. É sempre através da literatura que eu vejo essa maneira nova de pensar no mundo e esse desejo novo de que as coisas poderiam ser de fato em outra perspectiva.

Nós vivemos hoje o mundo do desejo consumista e a sociedade de consumo é uma sociedade muito cruel. É uma sociedade que mede as pessoas pela capacidade que elas têm de consumir, de comprar, comprar, comprar. Às vezes me entristece no país quando eles dizem que as pessoas estão marginalizadas porque elas não podem comprar. No nosso próprio sistema político, vemos os nossos dirigentes querendo que o povo compre muito e ninguém dá conta de fechar esse buraco que é a sociedade de consumo. Hoje vocês estão aqui com essas máquinas

fotografando e falando nesses celulares, mas amanhã essas máquinas estarão todas superadas e nós vamos ter que comprar outro modelo. A sociedade de consumo tem essa capacidade de criar em nós mais faltas. Nós só olhamos o que está faltando o tempo inteiro. Mas o leitor não. Quando o leitor lê um texto literário, ele conversa com o texto com o que ele é, e não com o que falta. Ele é capaz de conversar com esse texto, é capaz de dar asas à fantasia dele e é capaz de pensar em um outro mundo. O bom texto literário é sempre esse texto que tira o leitor do seu prumo. A boa leitura é aquela que causa o desequilíbrio, não o equilíbrio. Durante muito tempo a educação falou que procura o equilíbrio das pessoas, mas nós na literatura procuramos o desequilíbrio. A pessoa tem que encontrar um outro prumo, pensar de outra maneira. Os valores são questionados, a maneira de vida é interrogada. Essa é a vantagem da literatura, essa busca constante do desequilíbrio. Porque nós, no nível da filosofia, só procuramos a escola porque não sabemos quem é o outro. Se nós soubéssemos quem é o outro, nós precisaríamos de adestramento, de muitos lugares de adestramento. Por mais que tentamos, é impossível saber o tamanho do outro. Então a escola se torna o lugar de abrir portas, de mostrar direções para o outro descubra o seu tamanho, descubra os seus limites, mas isso é função do aluno e não do professor. Mas hoje, muitas vezes nós estamos chamando de educação apenas um processo de adestramento. Na medida em que nós colocamos os objetivos para o outro cumprir, nós caímos em um grande perigo de fracassar, porque nós não sabemos quem é o outro. Essa é a função bonita que a literatura tem de permitir várias leituras de um mesmo texto. Cada pessoa lê um texto com a experiência que ela tem, não com a minha experiência de escritor. Eu escrevo um texto por um motivo, e o leitor gosta do texto por outro motivo. E isso é muito bom, isso é literatura e é saudável. A literatura é uma educação no seu caminho maior. Nós compreendemos que todos os animais são adestrados, mas só o homem pode ser educado. Porque a educação pressupõe permitir ao outro que ele escolha o próprio destino. Isso só acontece na liberdade. Na medida em que nós prendemos o nosso trabalho em objetivos demais, em propostas demais, nós corremos o risco de limitar o tamanho do outro e não deixá-lo crescer

o tamanho que ele pode. Muitas vezes, isso é extremamente mau. Quando tentamos traçar rigidamente o que o outro deve ser, nós o impossibilitamos de alcançar a altura dele. A literatura não faz isso. A literatura deixa o outro pensar como ele pode pensar, como ele é capaz de pensar, com a liberdade que ele pode ter. Daí o nosso compromisso com a literatura que é o compromisso com a liberdade. A literatura tem toda a liberdade; eu posso escrever tudo o que eu penso, eu trabalho em perfeita liberdade, mas ela também só acontece quando o leitor está em plena liberdade. Quando ele deixa a sua fantasia atuar da maneira que ele pode.

Às vezes fico impressionado com os nossos sistemas de trabalho e educação, justamente por não compreender o óbvio, que sem a literatura não há educação. Sem a literatura existe adestramento, que não tem qualidade. O adestramento não precisa de professores, precisa de adestradores. Porque o professor é aquele que professa uma crença, que tem um desejo a realizar. Na medida em que nós nos tornamos o desejo de um certo sistema, nós não somos mais professores. Na medida em que eu sou apenas um intermediário entre o desejo de uma classe e o aluno, eu não sou mais professor. Porque o professor também precisa de liberdade. A primeira coisa que eu perguntaria ao professor em uma escola se eu fosse o diretor é: o que você gostaria de ensinar aqui? Porque eu tenho que acreditar que o professor tem o que dizer. Na medida em que eu elimino a voz dele e quero que ele faça o que eu digo, ele já não é mais professor, ele perde a sua função. Às vezes é difícil para o sistema, para a escola, porque ela quer sempre fazer da literatura um instrumento pedagógico, ela acaba por enfraquecer o texto, tirando a sua plenitude. A nossa escola tem muita dificuldade de lidar com a liberdade, que o digam Paulo Freire e o Anísio Teixeira há tanto tempo atrás. Quando a literatura aparece nesse espaço, ela sempre aparece com dificuldade de sobreviver. Mas eu fico muito feliz porque acho que a literatura está crescendo, porque existem muitos professores rebeldes no processo educacional do país. Eu quero agradecer profundamente, como professor, a esses meus colegas rebeldes. Esses colegas que compreendem a necessidade da literatura; que sabem o tamanho da importância da fantasia numa sociedade; que compreendem que a educação é muito mais do que saber que dez menos sete são quatro. Que importância tem saber que dez menos sete são quatro? Isso não tem importância nenhuma, isso não me incomoda. Eu posso provar para o aluno que o livro está errado. Por que o livro tem que estar certo? O que é triste na educação é que se invista tanto dinheiro para consertar esse conceito que, em cinco minutos, derrubamos por terra. Que se invista tanto em avaliação, em tantos leitores, em tanto papel, em tanta gráfica e em tanto imposto nosso para dizer que dez menos sete não é quatro. É aí que eu fico embasbacado, porque isso resolvemos em tempo miúdo. O problema da educação é muito maior e eu penso a literatura nesse contexto, em como é difícil para nós, permear o espaço escolar onde tudo tem que ser mensurável. Se nós falamos que pagamos o maior imposto do mundo, eu contesto. Quem paga o maior imposto do mundo para aprender alguma coisa é a criança

porque ela é cobrada por tudo que aprende. É uma escola que não tem gratuidade, tudo tem que ser avaliado, pesado, medido. Os professores só podem ensinar aquilo que pode ser medido e avaliado. Isso é o que me amedronta numa sociedade. Só falta agora um teste de avaliação para medir qual criança é mais feliz que a outra. Ainda não foi feito, mas não demora. Como dizia a Cecília Meireles, e que eu acho muito bonito, é que as palavras estão muito gastas e o mundo muito pensado.

Assistindo hoje aos seminários, fiquei muito feliz! Nós já sabemos as funções da literatura, mas existem pessoas que não cansam de teorizar e não põem a mão na massa nunca. Elas estão sempre falando das propriedades da farinha de trigo, da manteiga e do leite, mas não fazem o bolo. E hoje eu fiquei vendo que vocês já botaram a mão na massa. Nós já estamos cansados de saber que a literatura é boa, que a arte nos faz bem. Agora é botar a mão na massa, é distribuir, conversar sobre o texto literário, sobre o livro que se leu. Nos depoimentos das pessoas que participaram do Escola de Leitores, de São Paulo, Natal, Rio de Janeiro, vi todas as ações que estão sendo feitas para a criança com o texto. Às vezes, a criança quando pede para o adulto ler uma história, pode até estar mais interessada na companhia do adulto e se dizemos que não tem história para contar, ela pede para contarmos a de ontem. É o nosso tempo e a nossa presença que ela quer. Agora, se podemos ficar com ela junto com a literatura; que bom! São duas presenças, não é? A presença do sujeito e a presença da fantasia do outro. A literatura também serve para isso, para fazer companhia.

Os livros parecem com as pessoas que amamos. Às vezes quando acabamos de ler um livro pensamos: não era eu quem devia ler esse livro, mas fulano de tal. Eu faço isso com amigos meus; eu acabo de ler um livro e telefono para um amigo em outra distância e digo: leia isso, por favor. E eles fazem o mesmo comigo. É aquele livro que não cabe em mim, que eu o relaciono com outra pessoa. Então o dia que você ler um livro e pensar que quem devia lê-lo é o seu aluno, leve esse livro para a sala e leia para o seu aluno; esse você vai saber ler. A literatura está na ordem do afeto. O próprio escritor quando escreve, está fazendo o melhor dele. Eu vou fazer o melhor de mim, e por que eu vou fazer o melhor de mim? Para quando o outro me ler, gostar mais de mim. É isso o que acontece, não tem outro motivo; nada além disso. Quando estamos em casa na solidão do texto, fazemos o melhor para sermos amados. É isso que acontece na literatura, tanto com o escritor quanto com o leitor. E nenhum leitor de literatura lê para ficar mais inteligente, lê porque o livro mexe com ele, interroga, pergunta.

Como escritor, eu digo que acontecem três coisas quando escrevemos. A primeira é a generosidade para fazermos nosso o melhor. A segunda é praticar a humildade de saber que o seu melhor não é bom para todo mundo, porque eu não sei o tamanho do outro. A terceira é não ter inveja; saber que outras pessoas fazem melhor do que você. Quando você pegar o plano de um projeto de aula para dar, pense nisso; pense que hoje você vai dar a melhor aula que você pode. Você vai ver como é diferente daquela aula que eles mandam você dar. Eu tive um professor de Filosofia muito interessante, o professor Veloso,

que falava comigo assim: Quando entramos na sala de aula e não temos vontade de dar aula, existem duas opções: como pessimista, eu posso pensar que é a última aula que eu vou dar e ela tem que ser muito verdadeira porque é a última coisa que eu faço. Mas se eu quiser ser otimista, eu posso pensar que é a última aula que ele escuta — que seja boa! É isso que eu acho que melhoraria a qualidade — essa provisoriamente, essa maleabilidade que é a vida. Essa vida que é encantadora por não ser definitiva, mas maleável e imprevisível. Quando eu entrei para a escola já sabia escrever, mas tinha uma professora — Dona Maria Campos — que era tão bonita e eu gostava tanto dela que esqueci tudo o que sabia e aprendi tudo de novo. Eu fui alfabetizado duas vezes pelo meu avô em casa e na escola, quando aprendi tudo de novo. A Dona Maria Campos não sabia que eu já era alfabetizado e ficava muito feliz de ver como eu era rápido para aprender. Ela gostava de mim e assim eu aprendia para ser amado por ela, só isso. Imaginem vocês, quando faltavam 15 minutos para terminar a aula, a Dona Maria Campos pedia para guardarmos o material, e ela abria o livro e lia um pedaço. Sabíamos que era um livro da casa dela, porque na minha escola não tinha biblioteca. Ficávamos aflitos para ela terminar o livro e saber para qual de nós ela iria emprestá-lo. Porque nós levávamos para casa e liamos de novo. Então, a minha formação de leitor foi com Dona Maria Campos. É tão bom quando o professor fala com o aluno, para dizer que você não está presente só naquela hora, que você carrega ele para os seus espaços de distância. Isso é preciso ouvir muito, porque nós todos queremos ser lembrados. Faz parte da nossa constituição humana, vontade que alguém me ame a vida toda. Isso é da nossa fantasia. Sempre achamos que o nosso amor é eterno, mesmo que dure pouco como diz o Vinícius, mas naquele momento ele é eterno. A literatura tem essas forças todas, ela não trabalha com os fatos provisórios da vida. A literatura trabalha com os fatos que existem com o homem desde sempre, que é a vontade de ser amado, o medo do luto, o medo da morte, o medo da perda, o encontro, o desencontro. Esses são problemas eternos e a literatura vai tratar disso sempre. Ela traz o definitivo para nós, o resto é provisório. O livro didático traz o provisório; até ontem a matemática foi assim, mas de amanhã em diante pode não ser assim.

Ao mesmo tempo em que lá embaixo está cheio de crianças encantadas com os livros, nós aqui sentamos e conversamos sobre o que podemos fazer de melhor para aproximar ainda mais a criança do livro; obre como podemos de agora em diante atender melhor a criança e botar a mão na massa. Não precisamos pensar em coisas do tipo se o livro é cognitivo ou motor. Daqui um dia nós vamos começar a pesar os livros e dizer que a criança de um ano só pode ter um livro de 200 gramas, a criança de 2 anos vai ter um livro de 300. Eu aprendi uma coisa com um professor, Anchieta Correia, que falava comigo assim — o dia que quisermos acabar com o futebol no Brasil, põe no currículo da escola. Ele dizia que o futebol acontece em qualquer lugar: no meio da rua, num cantinho da casa; todo mundo joga, a trave é um pedaço de pedra, a bola pode ser uma lata vazia, uma bola de meia. As pessoas jogam de calção, de calça

comprida, descalças; jogam três de um lado e dois do outro. O dia que escola falar que o futebol é obrigatório, que serão 11 de um lado e 11 do outro, que a trave tem uma medida específica. A antipatia vai ser tão grande que ninguém vai querer jogar essa porcaria de futebol. A escola tem que ser um lugar de prazer. Felicidade não faz mal para ninguém, não é? Tristeza faz; raiva faz, mas felicidade não faz. Então, esse encontro aqui é para saber como trazer mais alegria para as crianças. Mas eu acho que, apesar de tudo, estamos indo muito bem; estamos crescendo com a rebeldia de vocês. Continuem assim com essa rebeldia, vocês não vão se arrepender... Porque as crianças nunca vão esquecer vocês.

Uma Inquietude Encantadora

Trechos da entrevista concedida ao jornalista e escritor Márcio Vassalo durante o 5º Salão FNLIJ em 2003 e publicada no Notícias FNLIJ especial sobre o evento.

Em que literatura você acredita?

BCQ– Acredito que a arte é quando fazemos o melhor de mim para fulano ou beltrana. Vou simplesmente fazer o melhor de mim. No início, não pensava em carreira literária. Eu corria era atrás de mim pelo mundo afora. No princípio eu duvidava do tamanho do mundo. Hoje duvido do futuro e ando com muito medo.

É você que anda com a literatura ou é a literatura que anda com você?

BCQ– Bem, acho que eu me busco pela literatura. Creio que ela faz mais bem a mim do que ao leitor. Por meio dela sou capaz de suportar e de carregar o tempo para o ainda indecifrável, para o que me aflige.

O que mais aflige você nas coisas indecifráveis? Tudo que é indecifrável sempre lhe aflige?

BCQ– Não, nem sempre, nem sempre. Também convivo bem com o indecifrável. É ele que me faz criar o próprio desejo. Não faço questão de decifrar coisas. O indecifrável estimula a criação.

É o véu que revela a gente?

BCQ– Muito, muito... Velar as pessoas também faz parte de um mistério bom. E assim, de mistério em mistério, vou dando nomes às minhas emoções e às minhas inquietações. O sonho de um mundo mais bonito, mais apaziguado me persegue. Dar um nome mais carinhosos às surpresas é uma profecia. E só arte é capaz de inaugurar aquilo que não existe ainda, mas que a fantasia faz concretizar. Pelo texto, tento adivinhar o obscuro.

Adivinhar o obscuro dá clareza na palavra?

BCQ– Para mim, a palavra é sempre difícil de definir. A palavra que tento revelar é a mesma que me camufla.



Bartolomeu nasceu em 1944 em Pará de Minas, no centro-oeste mineiro. Morou em Belo Horizonte, onde dedicava seu tempo a ler e a escrever prosa, poesia e ensaios sobre leitura, literatura, educação e filosofia. Educador, com diversas experiências em arte-educação, no Brasil e no exterior, atuou como consultor em diversas instituições. Participou ativamente do Movimento Por um Brasil Literário, desde a criação, em 2009, sendo o autor do manifesto do MBL.

Sua obra literária, com 60 títulos publicados e traduzidos em outros países, é dirigida a crianças, adolescentes e adultos, e aborda as relações familiares; a vida e a morte; a memória; a infância; a passagem do tempo; a existência e outros temas universais.

Nós, do Suplemento do Notícias FNLIJ 10, resgatamos o texto da última participação de Bartolomeu Campos de Queirós no Salão FNLIJ, que aconteceu em 2011. Bartolomeu faleceu em janeiro de 2012 e deixou imensas saudades no evento, onde sempre nos iluminava com suas reflexões e pensamentos durante todas as edições em que falava para o público, motivo pelo qual o Seminário passou a ter o seu nome para homenageá-lo. Movidos pelo desejo de tê-lo sempre presente por meio da força das suas palavras, que nos fazem parar para refletir, escolhemos este texto para partilhar com nossos leitores.

Esse é um dos encantos da literatura? Camuflar e revelar ao mesmo tempo?

BCQ– Sim, esse é um dos encantos da palavra escrita, com um monte de ambivalências que nos paralisam.

De que modo a literatura mais paralisa você?

BCQ– A literatura me paralisa quando o real me invade e me arranha. Vejo nela um carinho buscando camuflar as indelicadezas. E sinto que ainda não escrevi o texto que gostaria. Tudo que fiz até agora me parece um ensaio, uma procura, uma busca; meu desafio é de estabelecer um texto capaz de esperar até as crianças. Carrego a minha infância cotidianamente. Daí meu respeito pelas crianças.

Um pensamento seu: “o que a escola pretende é menor do a arte possibilita. A escola empobrece a literatura quando interrompe o voo permitido por ela, em detrimento da formalização”. O que mais nos derruba nesse voo interrompido?

BCQ– O que mais nos derruba é que o resultado desse voo interrompido não acontece amanhã, não acontece imediatamente, ele acontece muitos anos depois.

É feito um mal invisível que fica por debaixo da pele?

BCQ– Sim, é um mal invisível. Se hoje você comete alguma injustiça com alguma criança, isso não vai aparecer daqui a uma semana. Isso vai aparecer numa geração depois. Não é apavorante?

Realmente, apavorante... E o que mais lhe apavora na escola?

BCQ– Ah, o que mais me apavora na escola é o exercício que se tem de igualar todo mundo, de exigir de todo mundo a mesma resposta, e de ter um conceito para todas as crianças.

Padronizar as crianças é muito perigoso?

BCQ– Acho que sim, é muito perigoso. Acima de tudo, eu acho que cada criança é um próprio conceito em si.

Você vem trabalhando há dez anos como professor, nos encontros Proler (Programa Nacional de Incentivo à Literatura), como escritor, e também foi professor da divisão de aperfeiçoamento do professor – DAP –, do Ministério da Educação, em 1963. Em que aspectos os professores mais precisam se aperfeiçoar?

BCQ– (...) Olha, a educação para mim é feita de tradição e criação. A tradição é quando informamos o aluno, e a criação é um convite para o sujeito romper com a tradição.

As duas coisas são fundamentais? Não adianta romper com o que não se conhece?

BCQ– Sim, é isso. Você tem que conhecer a tradição, para saber rompê-la do melhor modo possível, para melhorá-la, para aperfeiçoá-la.

Você é um equilibrista que também busca o desequilíbrio?

BCQ– Ah, sim, muito... Acho que o desequilíbrio é a melhor maneira que temos de estar com outro. Porque é no desequilíbrio que convidamos o outro a buscar o prumo dele mesmo. Um bom texto sempre convida o leitor a buscar outros prumos.

Escrever, para você, é um salto mortal, um salto no escuro, ou um salto sem rede?

BCQ– É um salto sem rede, porque a gente nunca sabe como vai ser amparado.



ENCARTE NOTÍCIAS 10 | OUTUBRO 2016

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra